

SETEMBRO AMARELO: DA DEPRESSÃO AO SUCÍDIO

Evaldo Dantas da Nóbrega

Médico. Membro da APMED e da AMCG.

Na noite do dia 26 de setembro de 2023, o auditório da Associação Médica de Campina Grande (AMCG) foi palco de um evento híbrido de cunho biocientífico e sócio humanístico, que pôde ser assistido tanto pela plateia com participação presencial, como pela Internet, já que pudemos contar com a importante transmissão pelo canal Ypuarana Cultural, do Youtube, TV/UEPB. Isto, portanto, objetivando democratizar ao máximo as formidáveis informações prestadas pelos nobres debatedores, naquela singular oportunidade, e até porque citado evento ensejou mais uma real demonstração de que esta Casa dos médicos da Rainha da Borborema continua a implementar ações desta natureza, em cumprimento aos seus ditames estatutários.

Dentro dessa ótica, com efeito, referido encontro se caracterizou pela constituição de uma muito eclética Mesa Redonda, composta por quatro profissionais de altíssimas competências e conhecimentos de causas em suas práticas assistências laborativas, tendo este modesto presidente da AMCG, pois, apenas atuado na condição de coordenador. Já a função de moderador ficou a cargo do colega psiquiatra e psicoterapeuta, Gil Braz Borges Vasconcelos, enquanto os debatedores foram: Ana Luíza Figueirôa (médica geriatra), Karson Klay (filósofo e psicanalista) e Edmundo de Oliveira Gaudêncio (psiquiatra e sociólogo). Naquela oportunidade, o cerimonialista foi o dinâmico jornalista Ribamildo Bezerra.

Na verdade, de uma forma geral, todos nós sabemos que falar sobre saúde mental dos seres humanos não tem sido uma tarefa nada fácil. Assim, necessário se faz lutarmos para que a lamentável e crônica visão estigmatizada que ainda existe em relação aos pacientes com distúrbios mentais, pois, possa ser muito bem substituída por atitudes práticas as mais humanísticas e compostas por novos olhares, em seus mais diversificados aspectos sociais. A família que tem entre os seus entes uma pessoa acometida por uma enfermidade mental, com certeza, deve, o mais breve possível, procurar meios assistenciais públicos ou privados como a melhor forma de facilitar o seu diagnóstico e, ao mesmo tempo, ensinar um tratamento adequado, oportuno e eficaz. Casos há, infelizmente, em que os próprios familiares procuram

enclausurar dito enfermo mental, muitas das vezes com vergunha de expô-lo à sociedade, fato este que, além de cometer um grande erro humanístico, contribui para uma lamentável conduta no retardamento em relação à melhora clínica deste paciente que não tem culpa alguma de estar assim adoentado.

Naquela singular noite, não nos restou mais qualquer dúvida que, com a realização de um evento daquela natureza e com o perfil da temática Campanha de Conscientização denominada de Setembro Amarelo, abordando a **Depressão e a Prevenção do Suicídio**, que, aliás, há anos, também já existe em todo o mundo, a AMCG deu a sua parcela de contribuição científica e humanística, no sentido de ofertar algo que a sociedade estava tão carente. Além do mais, falar sobre a **Conscientização da Prevenção do Ato Suicida** enseja uma espécie de forte alerta não somente para as nossas famílias como, principalmente, para os gestores das instituições públicas vinculadas às áreas da saúde as mais diversas, objetivando que seja dada, cada vez mais e sempre, uma maior atenção e o seu consequente engajamento. Como se sabe, no mundo todo – e o Brasil não está imune a estas lamentáveis estatísticas – tem sido observado um alarmante acometimento de atos suicidas. Por isso mesmo, entre nós, não é exagero se exigir dos órgãos brasileiros, enfim, que as políticas públicas da saúde no tocante às doenças mentais sejam melhor analisadas, visando ao menos lutar por importantes e constantes melhorias nas ações preventivas que, como se pode observar, se fazem necessárias. É imperioso afirmar que é de grande relevância a utilização de mais recursos financeiros públicos, objetivando melhor adequação dos locais que prestam assistência multiprofissionais e multidisciplinar a esta parcela específica dos pacientes portadores de transtornos mentais, resultando, portanto, num atendimento o mais holístico possível. Tal fato, realmente, possibilita uma oferta significativa na melhora clínica deles, e com uma ideal brevidade.

Há informações de que acontecem 700 mil mortes por suicídio no mundo, sendo que aqui no Brasil tais ocorrências atingem um patamar de 14 mil pessoas, fato este extremamente preocupante. Assim, um dimensionamento mais correto, estatisticamente falando, no tocante às demandas das patologias mentais presentes nos dias atuais em todo o nosso país, praticamente, precisa ser constantemente atualizado. Tal atitude institucional, porquanto, sempre objetivando que um melhor norte não deve ser somente apreciado e analisado, mas, principalmente, para que as respectivas ações governamentais possam resultar em políticas públicas cada vez mais precisas e eficazes. E, diante de um diagnóstico deste, temos que agir!

Infelizmente, temos observado que o paciente que é portador de um enfermidade mental, seja ela qual for, via de regra, tem sido vítima de preconceito e discriminação, muitas das vezes pelos seus próprios familiares e por pessoas de seu convívio social. Deste modo, é imperioso que seja dado um basta nestas constrangedoras situações, além de melhorarmos a conscientização de que se trata de pessoas, e que elas merecem ser respeitadas como cidadãos possuidores de todos os seus direitos legais, hoje e sempre! Ademais, além de efetivamente termos compromissos com a nossa espiritualidade alicerçada na forte tradição cristã, igualmente é nosso dever nos conduzirmos com a nossa responsabilidade no tocante ao cumprimento ao que determina o artigo 5º da nossa Carta Magna, promulgada em 1988. Constitucionalmente, referido artigo é bem claro no que se refere aos nossos direitos enquanto cidadãos brasileiros possuidores de benefícios iguais e com a primazia da dignidade humana. Uma constatação bastante verdadeira é que na vida nada vem ou acontece por acaso! Assim sendo, em relação a esta campanha em apreço, sabe-se que ela foi fruto de uma morte ocorrida, nos EUA, por parte dos pais de um jovem que, sem a mínima perspectiva de uma solução para suas angústias, preferiu se suicidar. Imaginamos ser prudente afirmar que o ato suicida é uma ocorrência triste e que existe desde que Deus criou o Universo e que tudo isto começou ainda quando do seu povoamento com os seres humanos. Também, é de se esperar que se torna humanamente impossível querer se identificar quem, quando, em que parte deste planeta Terra e, principalmente, qual a verdadeira motivação que levou determinado ser humano a praticar um atentado à sua própria vida.. Não devemos nos esquecer que aqui bem cabe o alerta de que tudo isto é decorrente de uma situação mental antes iniciada e que, com o passar do tempo, evoluções clínicas vão acontecendo até que, em determinado momento, enfim, a episódio acontece!

Registre-se, aqui neste momento, que foi muito interessante o conceito do Ato Suicida emitido pelo autor do livro intitulado *A História do Suicídio*, Georges Minois, com a devida tradução de Fernando Santos, lançado pelo Editora UNESP, em 2018, no Estado de São Paulo, quando afirmou: ...“ *Sentimento de uma solidão definitiva e irremediável é a única causa do suicídio!*” Sem querer afrontá-lo, seria conveniente também se reconhecer que há importante relação do potencial genético humano com a prática do Ato Suicida. Há alguns anos, quando eu era um modesto colaborador através de artigos dominicais, aqui do Jornal Diário da Borborema, em Campina Grande -PB, após dois colegas nossos da AMCG, infelizmente, terem praticado, no espaço de apenas uma semana, as suas próprias mortes, consegui escrever um

texto intitulado **“O Grito que Faltou”!** Nele, eu tentei expor uma opinião numa espécie de pura e oportuna reflexão diante da tremenda incapacidade mental destes nossos amigos, que preferiram encontrar na morte aquilo que nas suas vidas em particular não conseguiram abraçar. Na verdade, ninguém quer morrer. E apenas há, como confidenciou a um amigo, poucos dias antes de morrer, o meu imorrível e muito estimado irmão Eraldo Dantas da Nóbrega, ex-jornalista na Capital das Acácias: *“além da minha dura luta psicológica, o pior de tudo é que o meu corpo não mais suporta carregar a minha tão pesada alma, em face do enorme sofrimento mental que a vida vem me proporcionando, há muitos anos!”*. Em resumo, fica o alerta: nunca se deve menosprezar as angústias e os sofrimentos mentais relatados pelos nossos semelhantes. Qual o Bom Samaritano, neste contexto, faz-se necessário adotarmos a prática proativas e urgentes atitudes, além de jamais procurar simplesmente menosprezar as queixas e/ou angústias expressadas por pessoas acometidas por doenças mentais.